

A LÍNGUA INGLESA NOS INSTITUTOS FEDERAIS: REFLEXÕES OPORTUNAS

Carlos Fabiano de Souza (IFF campus Cabo Frio)

Resumo: Este trabalho visa tecer algumas reflexões em torno do objeto de estudo ensino-aprendizagem de língua inglesa no contexto dos Institutos Federais (IFs), com o intuito de problematizar, por meio da análise de planos de ensino, a necessidade de se propor orientações curriculares que atendam as demandas do cenário atual no qual se inserem essas escolas, a saber, instituições pluricurriculares, multicampi que se organizam tendo como eixo a articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Para empreender as análises, tomarei como lente os escritos de Pacheco (2011), acerca da reestruturação curricular da educação básica que articule teoria e prática, o científico e o tecnológico, com conhecimentos que possibilitem ao aluno atuar no mundo em constante mudança, e os apontamentos de Souza (2014) sobre a ressignificação do ensino de língua inglesa na Rede Federal Tecnológica. Espera-se, portanto, que este trabalho possa vir a contribuir com propostas pedagógicas que busquem engendrar formas de ensinar e aprender inglês no escopo de atuação dos IFS, com currículos estruturados com base na garantia de conteúdos que configurem e integrem a dimensão científica e tecnológica, a dimensão cultural e a dimensão do trabalho.

Palavras-chave: Inglês, IFs, Ensino, Aprendizagem, Currículo

É possível afirmar que, ao longo de seu percurso histórico, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFT) sempre foi um lócus de ensino-aprendizagem que deu prioridade aos saberes das áreas industriais, com ênfase sobremaneira em componentes curriculares das áreas técnicas e exatas (matérias duras). Entretanto, a partir de 2008, o perfil da RFT começou a adquirir novos matizes, tornando-se relevante, por conseguinte, pensar o papel que cada componente curricular deve ocupar no que se refere aos diversos currículos¹ que compõem as mais distintas matrizes dos cursos dessas escolas.

Conforme Ciavatta (2012), baseado na Lei nº 11.892, de dezembro de 2008, é importante que não percamos de vista qual é o real significado da criação dessa Rede e, consequentemente, da transformação de cerca de quatro dezenas de instituições em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs ou apenas Institutos Federais, como alguns preferem ser chamados). Para Pacheco (2011), proporcionar o desenvolvimento local e regional, numa perspectiva de construção da cidadania, constitui-se numa das principais finalidades dos Institutos Federais. Assim, essas instituições devem fomentar uma nova etapa

da Educação Profissional e Tecnológica do país, o que faz com que as unidades dessa Rede sejam reconhecidas como escolas de referência mundial na implantação de programas e políticas específicas para o setor, inclusive no que tange à extensão e à pesquisa.

Dessa maneira,

os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia são a síntese daquilo que de melhor a Rede Federal construiu ao longo de sua história e das políticas de educação profissional e tecnológica do governo federal. São caracterizados pela ousadia e inovação necessárias a uma política e a um conceito que pretendem antecipar aqui e agora as bases de uma escola contemporânea do futuro e comprometida com uma sociedade radicalmente democrática e socialmente justa (PACHECO, 2011, p. 12).

Partindo dessa premissa, cabe ainda destacar o quão multifário é o âmbito de abrangência da formação propiciada pelos cursos oferecidos por essas escolas, com suas 562 (quinhentos e sessenta e duas) unidades espalhadas por 512 (quinhentos e doze) municípios em todos os estados da federação. Pode-se dizer que o professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT) tem atuado, portanto, numa multiplicidade de itinerários formativos idiossincráticos, perfazendo o seu trabalho em diferentes esferas de atuação profissional, num contexto multifacetado de exercício do labor docente.

Nesse aspecto, o atual cenário, no qual as escolas da Rede se enquadram como instituições pluricurriculares, *multicampi*, sustentadas por um tripé basilar, no qual o **ensino**, a **pesquisa** e a **extensão** são indissociáveis, impõe aos seus professores, em especial neste trabalho os de língua inglesa, – concebidos como atores sociais que por meio do seu trabalho dão significado ao processo de ensino como um todo –, o desafio de prover os educandos com uma formação integrada de qualidade, sendo esta entendida como:

A formação integrada entre o ensino geral e a educação profissional ou técnica (educação politécnica ou, talvez, tecnológica) exige que se busquem os alicerces do pensamento e da produção da vida além das práticas de educação profissional e das teorias da educação propedêutica que treinam para o vestibular. Ambas são práticas operacionais e mecanicistas, e não de formação humana no seu sentido pleno (CIAVATTA, 2012, p. 94).

Ainda por esse ponto de vista,

Realização



Apoio



[...] Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. Formação que, neste sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos (CIAVATTA, 2012, p. 85).

Observa-se, pois, que enquanto formação humana, a formação integrada pressupõe a articulação de diferentes saberes, de modo comprometido e responsável, em prol de uma construção significativa de conhecimento que leve em conta a dimensão integral da vida do educando, o que requer concebê-lo como alguém que, além de estudante, desempenha outros papéis no sistema das relações sociais (MACHADO, 2010, p. 82). Em outras palavras,

nosso objetivo não é formar um profissional para o mercado, mas sim um cidadão para o mundo do trabalho – um cidadão que tanto poderia ser um técnico quanto um filósofo, um escritor ou tudo isso. Significa superar o preconceito de classe de que um trabalhador não pode ser um intelectual, um artista. A música, tão cultivada em muitas de nossas escolas, deve ser incentivada e fazer parte da formação de nossos alunos, assim como as artes plásticas, o teatro e a literatura. Novas formas de inserção no mundo do trabalho e novas formas de organização produtiva como a economia solidária e o cooperativismo devem ser objeto de estudo na Rede Federal (PACHECO, 2011, p. 11).

Por esse prisma, entende-se que não mais se pretende dar ênfase a divisão técnica e social do trabalho, como de longa data se vê na história da educação no Brasil, de forma explícita, latente, ou mesmo velada, marcada pela separação entre formação geral e a formação profissional. “A primeira, conduzindo à educação de nível superior e a segunda, ao trabalho, à formação profissional para as atividades manuais e técnicas” (CIAVATTA, 2010, p. 160). No entanto, o que se intenta é uma “base educacional humanístico-técnico-científica, encontrando na territorialidade e no modelo pedagógico elementos singulares para sua definição identitária” (PACHECO, 2011, p. 17-18).

Tendo em vista esse panorama histórico e as idiossincrasias que envolvem esse quadro de expansão da Rede, torna-se, portanto, oportuno fomentar uma reflexão sobre o papel que a língua inglesa tende a desempenhar nesses espaços formativos, diante do cenário atual no qual se inserem essas instituições. Assim, ao problematizarmos o ensino-

aprendizagem desse idioma alvo, trazemos à baila para análise duas ementas de dois planos de ensino (PEs) de língua inglesa de cursos diferentes de dois IFs distintos, a saber: o PE do **Curso Técnico Subsequente em Guia de Turismo** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (*campus* Restinga) e o PE do **Curso Técnico de Nível Médio Subsequente em Informática** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (*campus* Feira de Santana).

Na sequência, o texto se orienta por uma breve explanação acerca do ensino de língua inglesa no âmbito dos IFs, em geral, culminando com as análises, em particular, dos planos propostos. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

Pode-se dizer que, ao longo dos anos, a abordagem de ensino-aprendizagem de línguas para fins específicos (atualmente chamada de LinFE) tem sido a mais utilizada por professores de inglês em diversas unidades da RFT. A origem dessa forma de trabalho se deve ao **Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras** (*The Brazilian National ESP Project*) que ofereceu formação e suporte aos professores de quase todas as Universidades Federais Brasileiras, Escolas Técnicas Federais, Estaduais, CEFETs e IFs, por meio de seminários e cursos, impactando o ensino de LEs em todo o país.

A partir da leitura de Ramos (2008), Rossini e Belmonte (2015) pontuam que:

O Projeto tinha como foco a capacitação de professores de Inglês de universidades brasileiras e, posteriormente, se estendeu às escolas técnicas federais para o ensino da leitura e compreensão escrita. Para tanto, foram produzidos materiais (*Resource Packages*) que serviam como modelos de atividades e metodologias possíveis para o ensino e aprendizagem de leitura, além de mostrar ao professor como lidar com as questões como: a aplicação de estratégias de leitura, o uso de textos autênticos com alunos iniciantes, o ensino de uma gramática mínima, e a aquisição de vocabulário (ROSSINI, BELMONTE, 2015, p. 350).

É sabido que a abordagem de inglês instrumental surgiu no Brasil no final dos anos 70 (setenta), a qual trouxe novos conhecimentos e mudanças para a prática de ensino de sala de aula e para o sistema de ensino de LE em território nacional como um todo, principalmente ao se considerar o fato de que os exames nacionais de entrada nas universidades brasileiras (vestibulares) passaram a fazer uso de concepções pedagógicas advindas desse ramo de ensino de idiomas em seus processos seletivos (SOUZA, 2014).

Esse projeto de ensino de inglês instrumental em Universidades Brasileiras, responsável por ser um norteador das teorias e princípios que essa abordagem viria a adotar no país mais tarde, teve grande aceitabilidade entre os profissionais da área, tendo sido conduzido pela renomada professora Maria Antonieta Alba Celani, fundadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1970, primeiro programa nessa área no Brasil.

É importante frisar que a proposta inicial dessa abordagem era voltada para estratégias de leitura e tradução, principalmente no meio universitário onde a leitura se configurava como necessidade prioritária. Por essa razão, tornou-se senso comum atribuir a nomenclatura “inglês instrumental” como sendo uma proposta associada ao trabalho com leitura em LE, negligenciando, de certa forma, o desenvolvimento de outras habilidades comunicativas nas aulas de línguas. Cabe nesse ponto enfatizar que a utilização da “etiqueta” LinFE tem sido uma forma de romper com esse paradigma, ampliando o escopo da abordagem ao empreender uma perspectiva que dê conta das novas demandas, abarcando as habilidades de compreensão e produção escritas e orais, bem como o uso das tecnologias digitais em contextos presencial e a distância.

Ressalta-se, portanto, que a abordagem de ensino-aprendizagem de LinFE não deve ser entendida como sinônimo de leitura, ou ainda ser considerada como uma abordagem *mono-skill*, por se trabalhar uma única habilidade. Na verdade, no LinFE mais de uma habilidade pode ser trabalhada a depender dos objetivos gerais e específicos definidos pelas propostas pedagógicas dos programas de ensino de línguas das instituições (ROSSINI, BELMONTE, 2015, p. 353). Na contramão desse movimento, curiosamente, encontramos, ainda hoje, propostas curriculares, discriminadas em planos e programas de língua inglesa em IFs espalhados pelo Brasil a fora, que levam em consideração sobremaneira o papel da leitura como elemento central do processo de ensino-aprendizagem em LE ao passo que “favorecem”, de certa forma, a naturalização dessa prática como sendo a “receita de sucesso” em instituições desse ramo de ensino, disseminando o apagamento de habilidades de produção oral, bem como propostas pedagógicas mais inovadoras à luz das tecnologias digitais.

Dito de outra forma, isso implica em não oportunizar aos alunos práticas de multiletramentos em LE, além do desenvolvimento de outras competências linguísticas no idioma alvo. Além disso, esses programas muitas vezes não levam em conta a formação integral do aluno, tendo por base a integração entre ciência, tecnologia e cultura como dimensões indissociáveis da vida humana ao passo que desenvolvem a capacidade de investigação científica, primordial para a construção da autonomia intelectual do indivíduo (PACHECO, 2011, p. 16).

Ainda em se tratando de contribuir com a formação integral do educando, numa perspectiva mais ampla, que abra infinitas possibilidades de reinventar-se no mundo e para o mundo, torna-se *sine qua non* cooperar para a oferta de uma formação de alunos críticos, reflexivos e fazedores de sua própria história, pois “a conjuntura social, política, econômica e cultural do Brasil não só exige que a sala de aula seja um ambiente de questionamento e reflexão, mas também que dela nasçam agentes transformadores de uma realidade que possa ser mais justa e igualitária para todos e todas” (GIESEL, 2012, p. 101).

A seguir, procederemos com as análises. Para tanto, faz-se necessário detalhar os parâmetros utilizados: em termos operacionais, optamos por apresentar num primeiro enquadre os PLEs. Em seguida, tratamos de empreender as análises, propriamente.

No Curso Técnico Subsequente em Guia de Turismo, cujo objetivo é formar o futuro trabalhador da área em nível técnico com domínio teórico-prático, permitindo o desenvolvimento profissional pautado na autonomia, competência e prática ética, a língua inglesa está presente em seu currículo ao longo de três semestres, com duas aulas semanais de 50 minutos, num total de 30 horas semestrais. Por questões práticas, com o intuito de facilitar o trabalho de análise e levando em conta as limitações impostas pelo tempo dedicado à exposição dos resultados de pesquisa num trabalho dessa natureza, selecionamos para investigação o plano de ensino do primeiro semestre do curso em questão, da qual retiramos para análise o **objetivo** e a **ementa**, sendo identificado, de agora em diante, como plano de ensino 01 (doravante PE-01).

No Curso de Nível Médio Subsequente em Informática, cujo objetivo é formar profissionais por meio da educação profissional de nível médio, na área de informática, desenvolvendo habilidades e construindo competências para atuar como técnico em

informática, a língua inglesa está presente em seu currículo apenas no primeiro módulo, com carga horária de 30 horas. Nesse caso, retiramos desse plano de ensino para análise as **competências** e as **habilidades**, sendo identificado, de agora em diante, como plano de ensino 02 (doravante PE-02). Destacamos que cada instituição recorre a um modelo específico de detalhamento de informações em seus planos de ensino, tomando como norte ora o uso de objetivos, ementa, etc. ora optando pela explicitação de competências, habilidades, procedimentos metodológicos e recursos didáticos utilizados para o desenvolvimento das práticas de ensino-aprendizagem de LE.

PE-01 – Técnico em Guia de Turismo do IFRS (*campus* Restinga)

CURSO: TÉCNICO SUBSEQUENTE EM GUIA DE TURISMO					
COMPONENTE CURRICULAR: Língua Inglesa I					
SEM	1º	AULAS/SEMANA	2	SEMANAS/SEMESTRE	18
AULA	50 min	HORAS AULA	36	HORAS TOTAL	30
OBJETIVO: Capacitar o aluno para: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender textos escritos e falados na língua inglesa; ▪ Usar a linguagem para funções comunicativas básicas da língua inglesa. 					
EMENTA: Revisão da gramática básica de vocabulário básico e expansão de vocabulário específico para as áreas de estudo do Turismo. Estratégias de leitura. Leitura em nível básico: folhetos, propagandas, material informativo. Linguagem para funções comunicativas básicas. Compreensão oral e compreensão de textos.					

Fonte: <http://www.restinga.ifrs.edu.br>. Acesso em: 20 mar. 2015.

PE-02 – Técnico de Nível Médio em Informática do IFBA (*campus* Feira de Santana)

CURSO: TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO SUBSEQUENTE EM INFORMÁTICA			
COMPONENTE CURRICULAR: Inglês Técnico			
PERÍODO LETIVO	1º Módulo	CARGA-HORÁRIA	30h
HORAS AULA	36h/a	AULAS/SEMANA	02h/a
COMPETÊNCIAS: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Capacidade de ler e compreender adequadamente a língua inglesa em textos relacionados à área de informática; ▪ Capacidade de ler e compreender de forma autônoma textos de modalidades discursivas e gêneros diversos, relacionados à área de informática; ▪ Revisão das estruturas de nível básico; ▪ Noções e funções básicas da língua inglesa; ▪ Desenvolvimento da compreensão de textos escritos em inglês através de leitura e da aplicação de estratégias de leitura; ▪ Conhecer a estrutura de um <i>abstract</i> e, aprender a produzi-lo. 			

HABILIDADES:

- Reconhecer o contexto como elemento essencial na leitura e compreensão leitora de textos em inglês;
- Identificar a estrutura e os tempos verbais utilizados na escrita como forma de compreender melhor os textos;
- Utilizar seu conhecimento de mundo e ativar seu conhecimento prévio na leitura;
- Aprender a manusear um dicionário bilíngue inglês-português para busca de significado que mais se adéque ao contexto dado.

Fonte: <http://www.feiradesantana.ifba.edu.br>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Ao analisar o PE-01, observamos que há neste uma predominância de práticas de cunho instrumental, com ênfase no reconhecimento e emprego de estratégias de leitura e compreensão oral (*listening*), associadas a aspectos linguístico-gramaticais. Não se trata, pois, de desprestigiar o papel da compreensão escrita (leitura), mas, sobretudo, sinalizar que essa é uma entre as quatro habilidades linguísticas, junto à compreensão oral, a produção oral e a produção escrita, que contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa do aprendiz. Desse modo, é essencial que o professor de LE tenha o bom senso de trabalhar com diferentes estratégias que oportunizem aos alunos o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas, ainda que com ênfase em uma ou mais de uma habilidade em determinado estágio do programa, a depender das necessidades apropriadas às situações-alvo.

De todo modo, acreditamos ser importante a execução de práticas de ensino de leitura, especialmente quando se tem em mente como finalidade pedagógica a preocupação em oportunizar ao aluno o desenvolvimento de sua capacidade de ler o mundo, a partir de sua relação com outrem, construindo e estabelecendo identidades, deixando aflorar em seu interior o sentimento de pertencimento (PACHECO, 2011, p. 19). Por esse ponto de vista, grosso modo, “ler é lidar com textos para compreendê-los, (re)agir e tomar posição crítica frente a esses enunciados (orais e escritos) e fazer coisas no mundo a partir do que entendemos que eles nos dizem, participando assim dos discursos que se organizam a partir da escrita” (SCHLATTER, GARCEZ, 2012, p. 134).

O fragmento “usar a linguagem para funções comunicativas básicas da língua inglesa”, em PE-01, realça a preocupação com o desenvolvimento da competência comunicativa no idioma alvo. No entanto, não deixa claro quais são as funções comunicativas a serem contempladas, nem quais são os meios de levar o educando ao desenvolvimento dessa

competência. Depreende-se, a partir da ementa, que se entende por função comunicativa básica a leitura e a escrita, evidenciadas pelos fragmentos: “Linguagem para funções comunicativas básicas. Compreensão oral e compreensão de textos”.

No PE-02 também é possível identificarmos a ênfase dada à leitura, como elemento basilar a ser desenvolvido durante as práticas no tocante à competência comunicativa, como se pode ver pelo fragmento que segue, “desenvolvimento da compreensão de textos escritos em inglês através de leitura e da aplicação de estratégias de leitura”. É interessante notar que a proposta do plano em questão faz referência ao trabalho com textos, porém não fica evidente o que se entende por elementos textuais nessa abordagem.

Fato é que tanto no PE-01 quanto no PE-02 evidencia-se o trabalho com gêneros discursivos. Em PE-01, podemos inferir isso a partir do fragmento, “leitura em nível básico: folhetos, propagandas, material informativo”. Por outro lado, em PE-02, a referência é feita de modo explícito, como pode ser verificado em, “capacidade de ler e compreender de forma autônoma textos de modalidades discursivas e gêneros diversos, relacionados à área de informática”.

Além do trabalho com gêneros, em ambos é possível perceber uma preocupação com uma abordagem lexical, por meio do uso de atividades com vocabulários específicos das áreas profissionais as quais os planos de ensino se inserem, a saber: turismo e informática. Pode-se afirmar que essa prática é um pouco reducionista se tomarmos por base o PE-02, visto que o foco se direciona apenas a auxiliar os alunos a “aprender a manusear um dicionário bilíngue inglês-português para busca de significado que mais se adéque ao contexto dado”. Ou seja, o trabalho com estratégias de tradução e adequação vocabular no idioma alvo, sem expor os alunos a práticas de uso oral desse vocabulário em ambiente natural de comunicação no idioma alvo.

No que diz respeito ao trabalho com gêneros, sabemos que este tem sido comumente utilizado em diversos programas de línguas. Porém, faz-se relevante atentar para o seguinte aspecto:

É importante esclarecer que organizar um currículo por gêneros do discurso não quer dizer que o objetivo do ensino seja caracterizar, classificar ou nomear diferentes textos. Se assim fosse, estaríamos simplesmente substituindo a lista de itens gramaticais e de vocabulário pela lista de gêneros discursivos [...] Isso também não quer dizer que discutir as características, tornar-se apto a reconhecê-las e poder classificar e nomear não façam parte da aula. Mas o objetivo de ensino não é esse. O objetivo de ensino é oportunizar a prática do educando com textos na posição de interlocutor e de autor. O objetivo, portanto, para os educandos é aprender as expectativas relacionadas aos textos usados em diferentes campos de atividade humana, posicionando-se em relação aos sentidos e ao texto em si e participando através deles nas esferas que já conhece ou das quais quer e poderá vir a participar (SCHLATTER, GARCEZ, 2012, p. 87).

Partindo das explicitações dessas autoras, podemos dizer que a proposta para o trabalho com gêneros expressa no PE-01 deixa a desejar pela falta de critérios e detalhamento da finalidade pedagógica que se pretende alcançar, quando o que se propõe é tão somente levar o aluno a ler e nomear textos como folhetos, propagandas e material informativo. Em contrapartida, em PE-02 acreditamos que a proposta seja um pouco mais ampla, no sentido de que ela prevê avaliar a função social dos textos considerando, assim, **por quem, para quem, por quê e como** eles são produzidos. Dessa maneira, o objetivo não deve ser puro e simplesmente “ensinar folhetos”, mas “ensinar a lidar com folhetos”, o que pressupõe compreender os textos que os colocam em prática, sendo interlocutores e autores de “folhetos” diversos (PE-01). Por conta disso, podemos dizer que o fragmento “conhecer a estrutura de um *abstract* e, aprender a produzi-lo”, presente em PE-02, é mais abrangente e apropriado para o desenvolvimento de trabalhos com gêneros.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou tecer algumas reflexões em torno do objeto de estudo ensino-aprendizagem de língua inglesa no contexto da RFT, com o intuito de problematizar, por meio da análise de dois planos de ensino, a necessidade de se propor orientações curriculares que atendam as demandas do cenário atual no qual se inserem essas escolas. A partir da análise dos planos em questão, verificamos que ainda há uma presença marcante da abordagem de LE de cunho instrumental, com ênfase em práticas de leitura em textos específicos da área profissional. No entanto, destacamos que é preciso ressignificar essas

práticas, pois os parâmetros apresentados nos PEs para o trabalho com textos não sinalizam para a possibilidade de o aluno adquirir uma leitura de mundo, por meio de uma construção de conhecimento que se materialize significativa e colaborativamente, em situações de aprendizagem que levem em consideração a diversidade, a pluralidade, o caráter crítico, reflexivo e transformador.

Em consonância com o panorama no qual essas instituições se inserem, a partir da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, entendemos ser necessário que os professores de língua inglesa dos IFs elaborem propostas curriculares à luz das novas demandas, abarcando as habilidades de compreensão e produção escritas e orais, bem como o uso das tecnologias digitais em contexto presencial e a distância, porém, sem perder de vista a formação integral do educando, por meio da apreensão de conteúdos que configurem e integrem a dimensão científica e tecnológica, a dimensão cultural e a dimensão do trabalho.

Em face dessa complexidade, em meio aos diversos percursos formativos encontrados no escopo de atuação dessa Rede, propomos alguns objetivos basilares que esperamos vir a contribuir com as ações de ensino, pesquisa e extensão nos programas de língua inglesa nos IFs, baseados na integração entre ciência, tecnologia e cultura como dimensões indissociáveis da vida humana. Assim, acreditamos que esses programas, por meio de propostas curriculares diversificadas e que respeitem as especificidades das mesorregiões nas quais as unidades da Rede encontram-se imersas, devem:

- Despertar no educando o gosto e o interesse pelo idioma alvo, reconhecendo a LE/adicional como elemento enriquecedor do processo intelectual;
- Desenvolver a compreensão oral, compreensão escrita, produção oral e produção escrita, destrezas necessárias junto ao processo de aquisição de competência comunicativa;
- Levar o educando a expressar-se de forma significativa nas modalidades oral e escrita, em contextos naturais de comunicação voltados às especificidades das áreas de atuação profissional na qual eles estarão inseridos ao final do curso – o que pressupõe o desenvolvimento da produção oral e escrita com propósitos comunicativos na dimensão do trabalho;

- Aumentar a percepção do educando como ser humano e como cidadão do mundo;
- Favorecer a sensibilização do educando para os valores culturais, políticos e sociais que a LE expressa em um constante contraponto com a rica cultura brasileira, estimulando o desenvolvimento de sua criatividade e capacidade de gerar artefatos inovadores;
- Oportunizar momentos de produção de conhecimento em LE por meio de pesquisas, as quais devem estar a serviço dos processos locais e regionais;
- Estimular a interação com autonomia por meio de uma formação que permita ao indivíduo o desenvolvimento de sua capacidade de gerar conhecimentos a partir de uma prática interativa e colaborativa visando à realidade micro, mas com os olhos voltados para o macro.

Espera-se, portanto, que as reflexões aqui colocadas contribuam com propostas pedagógicas que busquem engendrar novas formas de ensinar e aprender língua inglesa no escopo de atuação da RFT, articulando, sobretudo, trabalho, ciência e cultura na perspectiva da emancipação humana.

REFERÊNCIAS

CIAVATTA, M. Universidades tecnológicas: horizontes dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETS)? In: MOLL, J. et al. *Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 159-74.

_____. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Orgs.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 83-106.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Orgs.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2012.

GIESEL, C. C. M. Uma abordagem sociointeracionista humanizadora para o ensino de línguas estrangeiras: gênero na sala de aula. FERREIRA, A. J. (Org.). *Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 101-120.

LIMA-LOPES, R. E.; FISCHER, C. R.; GAZOTTI-VALLIM, M. A. (Orgs.) *Perspectivas em línguas para fins específicos: festschrift* para Rosinda Ramos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

MACHADO, L. Ensino médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa. In: MOLL, J. et al. *Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MOLL, J. et al. *Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. *Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

PACHECO, E. (Org.). *Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica*. São Paulo: Moderna, 2011.

ROSSINI, A. M. Z. P.; BELMONTE, J. Panorama do ensino-aprendizagem de línguas para fins específicos: histórico, mitos e tendências. In: LIMA-LOPES, R. E.; FISCHER, C. R.; GAZOTTI-VALLIM, M. A. (Orgs.) *Perspectivas em línguas para fins específicos: festschrift* para Rosinda Ramos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. *Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês*. Erechim: Edelbra, 2012.

SOUZA, C. F. (Re)pensando o ensino de língua inglesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense: propostas para além do ensino de língua estrangeira instrumental. *InterSciencePlace*, n. 28, v. 1, jan./mar. 2014.

¹ Entendemos **currículo** neste trabalho como as experiências em ambiente escolar em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, as quais contribuem para a construção de identidades dos educandos. Em outras palavras, o currículo se refere ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com finalidades educativas (MOREIRA, CANDAU, 2007).